



As cidades de Platão: A construção de uma utopia.

Autores:

Amanda Rafaelly Casé Monteiro - Universidade de Brasília - arqamandacase@gmail.com

Resumo:

A cidade utópica de Platão comumente é relacionada com a cidade Kallipólis descrita na República (entre 387 a 367 a.C.), livro mais importante do autor. Na República, o autor descreve como seria a cidade ideal, mas seu texto se dedica a construção de uma cidade justa, não apresenta nenhuma informação sobre o desenho da cidade. No livro As Leis (357 e 347 a. C.), último e maior livro do filósofo, o assunto é a criação de uma constituição ideal, com isso novamente pensa uma cidade ideal, Magnésia, porém dessa vez propõe até um desenho para sua utopia. Esse trabalho apresenta as cidades utópicas descritas nos livros A República e As Leis de Platão, em sua espacialidade e morfologia. Em seguida, são estudadas as polis Atenas e Siracusa, cidades que o autor viveu, a fim de entender a inovação e a reprodução do conhecimento do período. Por fim, conclui-se apresentando a relação entre Kallipólis, Magnésia, Atenas e Siracusa.

AS CIDADES DE PLATÃO

A construção de uma utopia.

INTRODUÇÃO

A cidade utópica de Platão comumente é relacionada com a cidade Kallipólis (cidade bela) descrita na República (entre 387 a 367 a.C.), livro mais importante do autor. Na República, o autor descreve como seria a cidade ideal, mas seu texto se dedica a construção de uma cidade justa, desde sua fundação, com a divisão de trabalho, a definição de função de cada habitante, como deveriam ser educadas as crianças entre outros detalhes, mas nenhum que se volte para o desenho da cidade. No livro As Leis (357 e 347 a. C.), último e maior livro do filósofo, o assunto é a criação de uma constituição ideal, com isso novamente pensa uma cidade ideal, Magnésia, porém dessa vez propõe até um desenho para sua utopia.

Percebe-se, então, que a cidade platônica na verdade são as cidades, nesse trabalho discorreremos como elas foram pensadas definindo sua espacialidade. A fim de entender a inovação e a reprodução do conhecimento do período, presente nas cidades utópicas dos livros de Platão, as relacionaremos com as polis Atenas e Siracusa no período em que o autor as viveu.

Atenas foi a cidade em que nasceu Platão no ano de 427 a.C. Nela, ele desenvolveu sua formação condizente com sua posição social aristocrática, com os mais importantes mestres da época aprendeu a retórica, a ginástica e a política. Foi nessa cidade que tornou-se discípulo de Sócrates e posteriormente abriu sua escola, a Academia (Maire, 1986, figura 1). Já a cidade de Siracusa, colônia grega, ele afirma em outro livro o Timeu, que seria o local ideal para sua utopia. Siracusa foi alvo de suas visitas três vezes, sempre convidado pelos tiranos Dionísio, o antigo e Dionísio II, o Jovem. Todas as visitas sempre terminaram de forma dramática pelo confronto de ideias entre o filósofo e os tiranos. Contudo, Platão sempre voltava graças a sua amizade com o cunhado do primeiro tirano, Dion e pela possibilidade de implantar suas ideias.

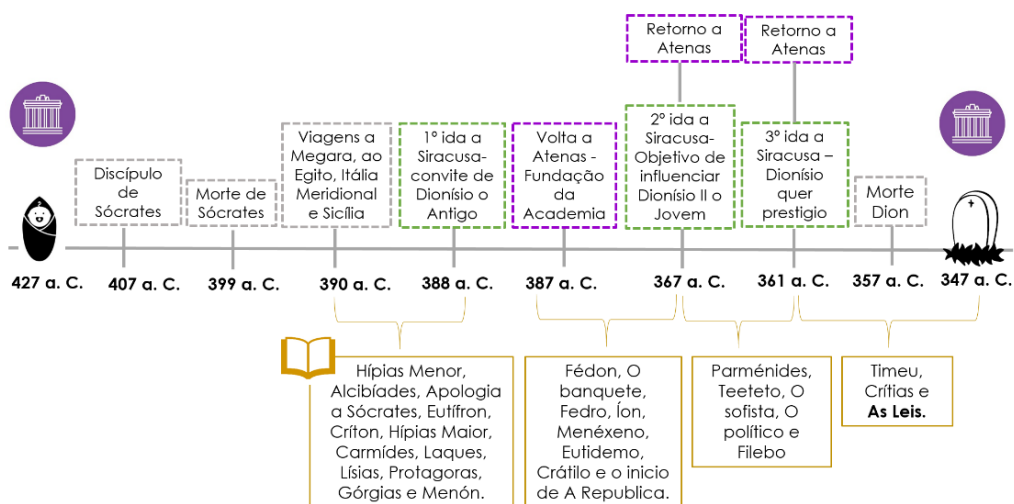


Figura 1- Biografia de Platão
Fonte: MAIRE, Gaston (1986), editado pela autora

O estudo de uma cidade utópica é importante para se entender novas possibilidades de pensar a cidade sem o compromisso de torná-la real e com a liberdade que essa condição impõe. Por isso, esse artigo tem como objetivo entender a morfologia da cidade utópica de Platão por meio de seus livros *A República* e *As Leis* buscando referências de suas principais características em duas cidades importantes na vida do autor, Atenas e Siracusa, podendo assim explicar quais inovações trazia suas cidades.

O trabalho tem como bibliografia primária os livros do autor. Na *República* o estudo se dedicou ao Livro III sobre a origem da cidade, nas *Leis* foram estudados os livros IV e V que descrevem a cidade de Magnésia. Como fontes secundárias tem-se livros que analisam as obras de Platão e principalmente os que estudam as polis gregas, destaque para três: *As Leis de Platão* (BRISSON, Luc, 2012), fundamental pelo acesso as imagens de Magnésia, o *Household and City Organization at Olynthus* (CAHILL, Nicholas, 2001) que forneceu profundo conteúdo para a análise das polis e por fim, a dissertação *Corinto e Siracusa: organização do espaço polis e emergência da polis no mundo grego* (VANIN, Marcos Atílio, 2017), que contém a planta de Siracusa no período de sua colonização.

Esse trabalho se divide em três partes. A primeira parte discorre sobre as cidades utópicas descritas nos livros *A República* e *As Leis* de Platão, apresenta-se os livros e sua visão espacial e morfológica das cidades. Em seguida, são estudadas as polis Atenas e Siracusa com o mesmo recorte para seu desenho urbano a fim de identificar quais características em comum ou contrastante existente entre elas e as cidades ideais. Por fim, conclui-se apresentando a relação entre Kallipólis, Magnésia, Atenas e Siracusa.

A CIDADE NOS LIVROS “A REPÚBLICA” E “AS LEIS” DE PLATÃO

A República, livro provavelmente escrito por Platão entre 387 a 367 a.C., apresenta um diálogo entre Sócrates (Platão), Adimanto e Glauco sobre a busca a Justiça, discute temas como ética, política e cidade. Platão discorre sobre uma cidade ideal, a "Kallipólis" (cidade bela), desde sua origem, divisão de trabalho, definição de função de cada habitante, como deveriam ser educadas as crianças, entre outros detalhes, mas nenhum que se volte para o desenho da cidade. Buscando entender essa cidade analisaremos sua descrição de fundação, analisando quais espaços teriam em Kallipólis.

A origem da cidade é descrita no livro III:

“Sócrates — O que causa o nascimento a uma cidade, penso eu, é a impossibilidade que cada indivíduo tem de se bastar a si mesmo e a necessidade que sente de uma porção de coisas; ou julgas que existe outro motivo para o nascimento de uma cidade?” (p.70)

A partir dessa premissa, o autor começa a descrever as relações de necessidade que guiarão a organização, desenvolvimento e crescimento da cidade. Na ordem de necessidades tem-se alimentação, em seguida a moradia e a terceira seria o vestuário, dessa forma percebe-se que a agricultura, ou seja, o campo é sua primeira preocupação espacial, em seguida a habitação e em terceiro a tecelagem.

Com o crescimento das necessidades aumenta-se a variedade de profissionais, ou seja, moradores fundamentais para a cidade, como os carpinteiros e ferreiros, por exemplo. Assim, mais espaços de trabalho são criados. Como a cidade não dará conta de ser autossuficiente terão relações comerciais externas e internas, surgindo os comerciantes e o mercado, que seria o sexto espaço necessário para a cidade.

Após descrever os profissionais necessários, Platão se dedicará a explicar como será a vida na cidade, a alimentação, vestuário, modos de agir. Dois comportamentos citados foram “regalar-se-ão com seus filhos”, que significa se divertirão com seus filhos e o “louvor aos deuses” (livro III, p.75), desta forma surgiram os espaços de lazer e de louvor na cidade.

Contudo, a simplicidade da vida pensada incomoda seus ouvintes e eles chegam a conclusão que a vida simples só respondendo as necessidades talvez não trouxesse felicidade. Assim, ele deixa de explicar a cidade que para ele seria “sã”, para examinar a cidade “tomada de excitação” (livro III, p.76)

A cidade excitação teria que levar em consideração “a pintura e a arte de bordar, procurar ouro, marfim e materiais preciosos de todas as qualidades” (p.77), com isso indiretamente mais espaços são pensados para a cidade como espaços para artes e garimpo.

Em seguida, cita os caçadores, os músicos, poetas, atores, dançarinos, empresários de teatro, fabricantes de artigos de todo tipo e especialmente de adornos femininos, pedagogos, criadas de quarto, cabelereiros, cozinheiros, porqueros e vaqueiros. Assim, Sócrates conclui que com essa nova vida vão precisar de muitos mais médicos. A partir desses novos ofícios, novos espaços surgirão na cidade como o teatro, as fábricas, as escolas, local para moradia dos escravos, cabelereiro, pocilgas, currais e clínicas médicas.

Como a cidade cresceu muito, provavelmente entrará em guerra com os vizinhos, por isso precisará de um exército. De acordo com o grupo, o guerreiro deveria ser “filósofo, irascível, ágil e forte” (livro III, p.83), para isso seria necessário educar as crianças. A partir dessa exigência, começam a pensar como deve ser a educação do guerreiro. Tratando-se de espaços, o soldado precisará de espaços de aula e música, os quais já foram pensados, e espaços de ginástica, ou seja, falta na cidade utópica um ginásio esportivo. Somado a esses, ainda falta o espaço de reunião da aristocracia, a forma de governo boa e justa de acordo com Platão.

Com isso, a cidade ideal de Platão baseada no livro A República possuiria espaços voltados a alimentar, com a agricultura, suinicultura e pecuária, habitar, para cidadãos e escravos, trabalhar, com a tecelagem, carpintaria, ferraria, entre outros, louvor, lazer, saúde e poder. Possuiria a khora, a área de campo para as cidades gregas, e a asty, a área urbana. Na asty estariam as habitações, o mercado, o ginásio, clínica médica, teatro, escola, assembleia e os espaços de trabalho.

O sonho da cidade ideal permitiu ao grupo pensar vários detalhes de sua organização e o modo de viver do povo, sendo pouco importante na narrativa como seria esse lugar, a descrição dessa cidade é só uma oportunidade numa escala maior para se discutir justiça. Em contraponto, em As Leis a forma era importante para o autor, ao ponto de possuir o desenho dela em seu livro, cabe lembrar que é um livro mais maduro e fruto de uma grande reflexão.

As Leis é o último e maior texto de Platão, provavelmente escrito entre 357 e 347 a. C. Constitui-se de um diálogo entre três pessoas de três polis diferentes, as quais foram escolhidas devido à fama de suas legislações. São eles o Atenense (Platão) de Atenas, Clíniades de Creta e Megilo de Esparta. Eles estão em Creta peregrinando até o antro de Zeus. Nesse local, Minos recebia as instruções do deus para estabelecer as leis de Creta, ou seja, um lugar muito conveniente para o debate.

O texto trata a reflexão desses homens sobre legislação e constituição na polis, aproveitando para criar uma constituição ideal. A ideia poderia passar a prática porque Clíniades revelou que a polis de Cnossos iria estabelecer uma colônia e ele estava no grupo responsável por formular as leis dessa (BRISSON, 2012, p.58).

Nos livros IV e V, eles tratam da polis virtuosa, que poderia ter o nome das condições de seu estabelecimento, de alguma localidade, de uma fonte de água ou de um deus local (livro IV, p.108). Apesar dessa inferência, no texto a polis é chamada de Estado dos magnesianos, ou simplesmente, Magnésia.

Magnésia seria em Creta, com terreno mais acidentado que plano, instalada a dezesseis quilômetros do mar (80 estádios) com excelentes portos, boa agricultura e não haveria vizinhos. A distância do mar era boa para importação e exportação, mas não tão perto para garantir a segurança e a ausência de vizinhos resguardando a cidade da corrupção.

Politicamente, para sua realização Magnésia deveria ter, de acordo com Platão, um tirano associado ao legislador para que a implantação fosse mais rápida. O tirano seria um

homem jovem com boa memória “que tenha facilidade para aprender, coragem e grandeza de alma” (livro IV, 709d-710a).

Havia uma obsessão por paz e harmonia responsáveis pela justiça. Para sua permanência duas ações eram importantes: que toda propriedade rural e mineral fosse do estado e que houvesse pouca diferença entre o mais pobre e o mais rico. Como os habitantes eram “detentores de terra e defensores de seus lotes, a terra e as habitações sendo dividida igualmente no mesmo número de partes, um homem e seu lote forma[vam] um par” (livro V, p.150). Assim foram criadas quatro classes sociais (figura 2), definidas pelos números de lotes, sendo a mais pobre com o par de lotes (1 urbano e 1 rural) e a mais rica com 5 lotes no total.

Classes (da mais pobre até a mais rica)	Propriedade inalienável mínima	Propriedade inalienável máxima	Total máximo de renda
4	Um lote	Um lote	Dois lotes
3	Um lote	Dois lotes	três lotes
2	Um lote	três lotes	quatro lotes
1	Um lote	quatro lotes	cinco lotes

Figura 2-Tabela das classes sociais de Magnésia Fonte: BRISSON, Luc. (2012, p.97), editado pela autora.

Os habitantes da cidade deveriam ser de toda Creta e do Peloponeso, pois oriundos de lugares diferentes seria mais fácil de obedecerem as normas pensadas pelo legislador. A comunidade teria o total de 5.040 famílias, número esse justificado por possuir o maior número de divisores e ser o suficiente para proteger o estado contra ataques. Como cada família tinha aproximadamente 6 pessoas, incluindo mulheres e crianças, a população cidadã seria um pouco mais de 30 mil habitantes, levando em conta 4 escravos por família, a população total seria em volta de 50 mil habitantes.

Depois de fixar a quantidade de habitantes, como eles se organizariam em classes sociais, ocorreria a implantação no território. O fundador deve instalar a cidade o mais próximo possível do centro do país, depois deverá dividi-la em 12 partes (figura 3), iniciando com a gleba sagrada, “a qual dará o nome de Acrópole e que envolverá com um muro circular” (livro V, p.158). A planta é circular por motivos morfológicos e cinético: geometria circular torna homogêneos os diferentes espaços cívicos e o movimento circular é para a Platão a imagem da esfera perfeita (Brisson, 2012).

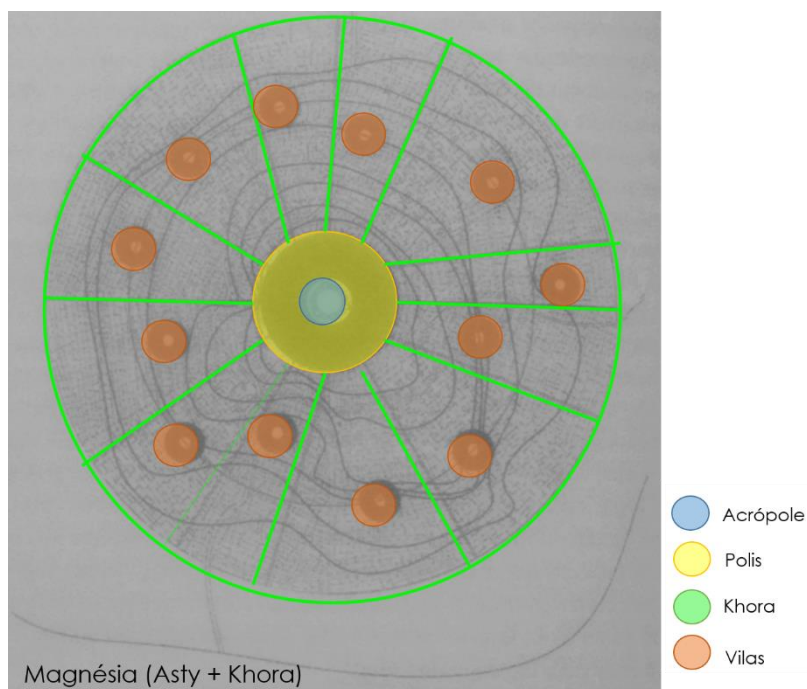


Figura 3-Planta Magnésia (Asty e Khora) Fonte: BRISSON, Luc. (2012, p.64), editado pela autora.

A polis e a khora também serão divididas em doze partes. Cada área com 420 famílias em seu território e consagrada a um deus, “na distribuição da terra ele (o legislador) deverá atribuir primeiramente a essas divindades domínios selecionados acompanhados de tudo que lhes pertencem” (livro V, 150). O autor conclui que com isso se garantirá um espaço de união na comunidade, o que é bom para o estado.

A configuração da Asty (polis + acrópole) não difere do início das cidades-estados, no entanto, em Magnésia, a polis é o elemento geratriz dos outros espaços e definidora da dimensão da cidade. Ela é seu centro geográfico, político e social (figura 4). Ela é definida pelas casas que em conjunto formariam uma muralha protetora,

[...]todas as casas deverão ter bons muros, construídos regularmente e em estilo semelhante, dando para as vias, de modo que a cidade inteira assumirá a forma de uma única habitação, o que lhe conferirá uma boa aparência, além de possibilitar com enorme vantagem o melhor planejamento no que se refere à segurança e facilidade de defesa. (Livro VI, p.200)

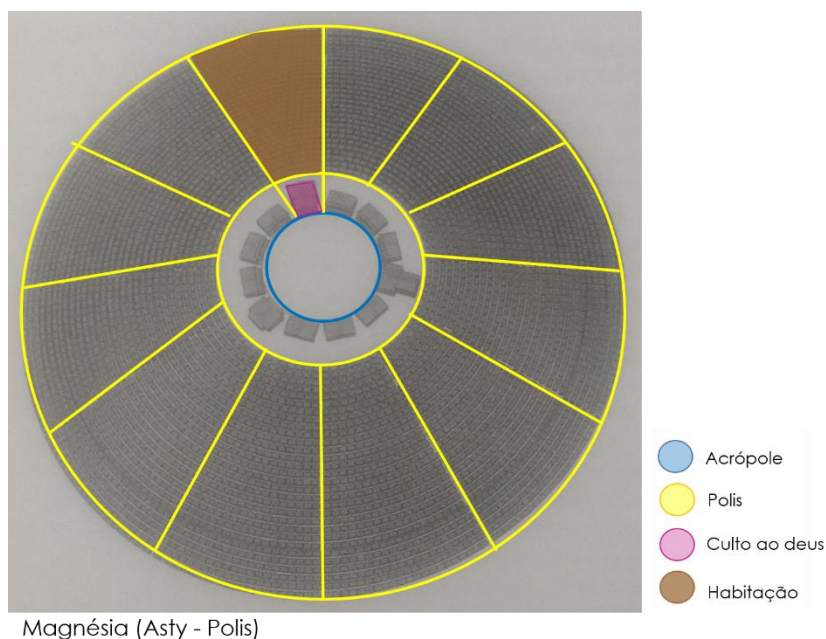


Figura 4-Planta Magnésia (Polis) Fonte: BRISSON, Luc. (2012, p.65), editado pela autora.

A divisão da khora (campo-figura 5) não será necessariamente em doze partes iguais, as terras mais férteis serão menores que as menos produtivas, garantindo que todos tenham um mesmo rendimento. Em cada uma das partes terá a área de agricultura, as vilas (habitação) e o lugar de culto ao deus. Dessa forma, estava completa a configuração da cidade ideal de Platão.

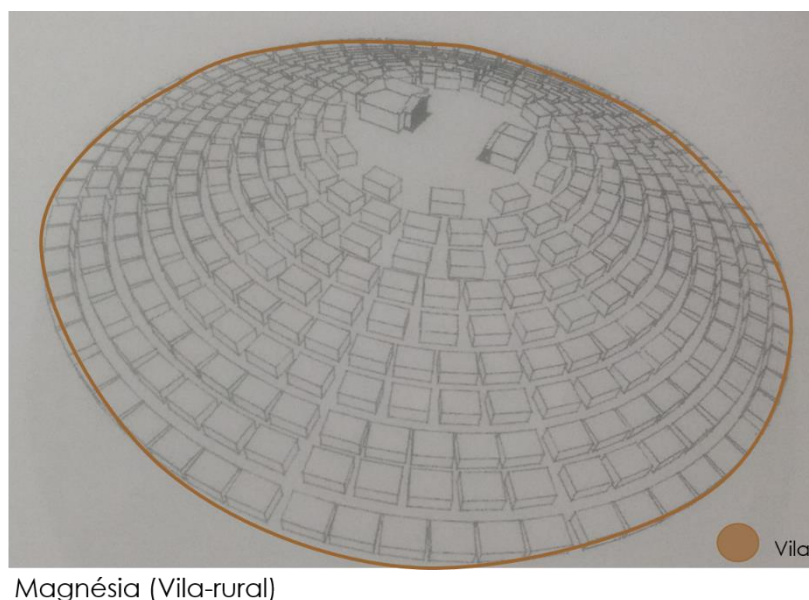


Figura 5-Planta Magnésia (Khora) Fonte: BRISSON, Luc. (2012, p.66), editado pela autora.

Nos dois livros de Platão estudados há uma premissa de proteção da cidade da influência externa para garantir a justiça (A República) e a ordem (As Leis). Kallipólis tem sua origem da necessidade dos homens e Magnésia é para conseguir realizar a utopia de uma

cidade e legislação ideais, talvez por isso a primeira seja tão espontânea que não tenha forma, enquanto a segunda seja tão utópica que seu desenho possa ser definido (a circunferência).

Kallipólis tem inicialmente espaços de subsistência e habitar, enquanto Magnésia começa pelo espaço de culto e em seguida vá para o de subsistência. A Cidade Bela possui muito mais espaços definidos do que a cidade dos magnesianos, pode-se inferir que Magnésia seja a cidade sã e Kallipólis a excitação, como explicado na República.

Quanto a morfologia, destaca-se a escolha da forma circular considerada perfeita para Platão, mas que teria como função homogeneizar os espaços cívicos e garantir que todos os cidadãos percorressem a cidade inteira e distâncias iguais. A sua área seria definida pela dimensão da polis, possuía vias para onde as casas deveriam se voltar. As habitações são apresentadas em forma de prismas retangulares, com bons muros, mesmo estilo, com acesso frontal e que conformassem um todo responsável por auxiliar na defesa da cidade.

TEORIA E EXPERIÊNCIA DE PLATÃO: A FONTE DA UTOPIA

Após estudar as cidades utópicas de Platão, o trabalho se dedicará ao estudo das cidades importantes na vida do autor: Atenas e Siracusa. Atenas, cidade mãe, onde se educou, abriu sua escola e morreu. Siracusa, polis que almejava instituir sua utopia, relatada em Timeu. As cidades foram descritas conforme o território, política, habitantes e o planejamento espacial para que assim possamos relacioná-las com Kallipólis e Magnésia.

Atenas fora ocupada continuamente a 4.000 mil anos, a análise se dedicará ao seu período clássico (508 a 322 a. C), época em que Platão viveu. Atenas localizava-se na Ática, na Grécia, a 9,18 km do seu porto, o Pireu, o qual foi vital para seu comércio e crescimento. Possui território acidentado com três pequenos rios e era definida por uma muralha em uma área de 1,5 km de diâmetro (figura 6).

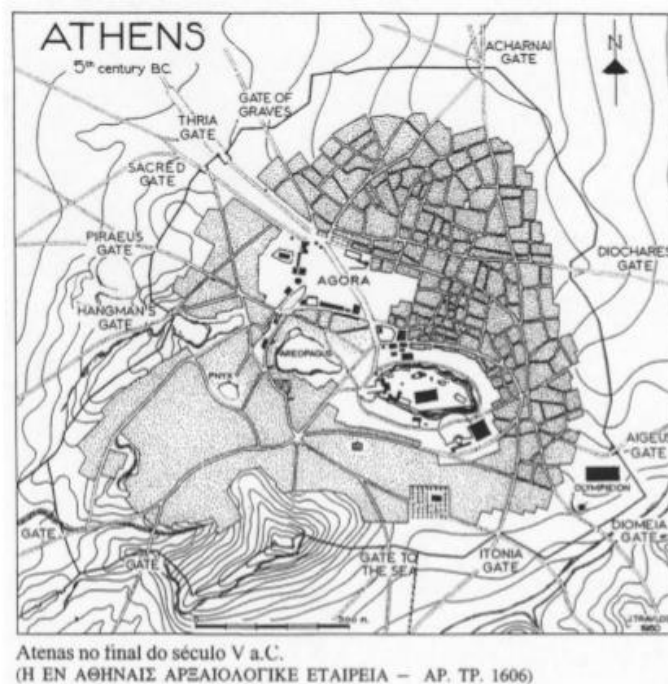


Figura 6-Planta Atenas (final do século V a.C.) Fonte: <https://pt.slideshare.net/DeniseJankovic1/aula-4-grecia-2012>

A política ateniense era definida pela democracia, instituída após um longo período de ascensão dos comerciantes que exigiam poder, de revisões na legislação e na organização do poder entre aristocracia rural e comerciante urbano. Um dos principais órgãos eram a bulé ou conselho de quinhentos que foi formado, no governo de Clístenes (508 a.C.), a partir da divisão da sociedade em dez tribos ou demos que escolhiam seus representantes para o conselho. Dessa forma, os governantes eram escolhidos pelos cidadãos, mas cabe lembrar que faziam parte dessa denominação somente homens livres, maiores de 18 anos, filhos de pais atenienses e nascido em Atenas.

Quanto a seus habitantes, além dos cidadãos existiam em maior quantidade os não-cidadãos, que era o grupo formado por mulheres, crianças, escravos e estrangeiros. Na época clássica (431 a.C.), Atenas tinha 40.000 habitantes, sem contar escravos. Calculando-se que no mínimo uma família tinha 4 escravos no período, a sociedade ateniense era muito maior que esse dado.

Do ponto de vista do planejamento da cidade, Atenas, assim como toda cidade grega possuía um plano tripartido: cidade alta para defesa, cidade baixa para comércio e áreas rurais vizinhas para agricultura de subsistência (KIRKPRATICK, 2015, figura 7). Na cidade alta ficava a acrópole, lugar de consagração aos deuses, na cidade baixa a ágora onde se realizava além do comércio, a socialização, e as áreas rurais era a khora, com sua função de produção, defesa e negociação do território. Importante esclarecer que a habitação ficava também na área baixa, mas não era pensada pelo estado:

“as casas das pessoas estavam amontoadas e contíguas a ruas estreitas e irregulares; os edifícios públicos não tinham um padrão fixo, mas tendiam a

coalescer em torno da ágora; e as muralhas da cidade se conformavam com o que a forma da cidade permitisse” (KIRKPATRICK, 2015, p.29).

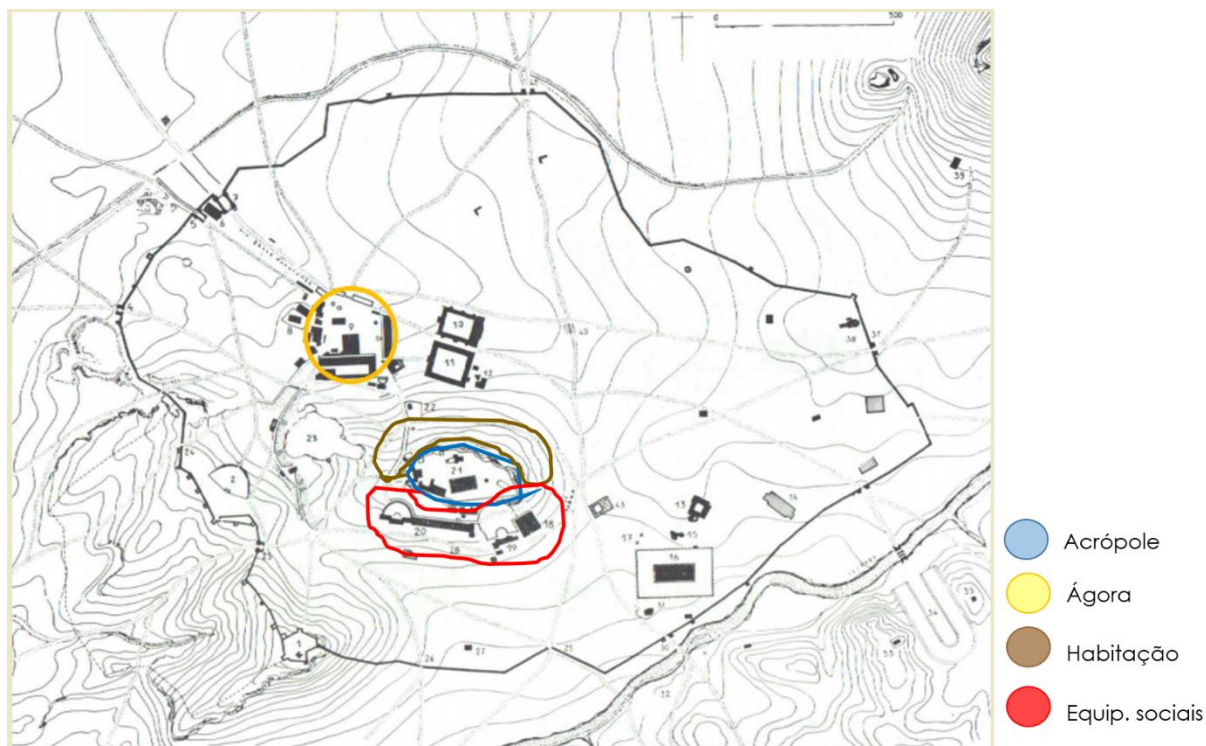


Figura 7: Planta de Atenas. Fonte: http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Simone/flg0560/2s_2013/Origens_e_Formacao_das_Cidades.pdf, editado pela autora.

Nessa organização espacial, no século V a. C., Atenas era chamada de “fortaleza circular” ou “cidade em forma de roda” (Heródoto, 2007 apud Kirkpatrick, 2015, p.29). Este projeto básico de roda destaca o papel central da acrópole, tanto política quanto espiritualmente.

Apesar dos belos edifícios que chegaram a atualidade, os gregos prezavam pela funcionalidade. “O *bouleuterion* (casa do conselho), o *prytaneion* (prefeitura) ou os *stoas* (colunatas), todos enfatizavam o papel e a função do indivíduo dentro da comunidade”, eram construídos de acordo com a demanda da cidade. Por isso, os teatros e ginásios eram retardatários do cenário urbano. Esses edifícios não possuíam localização fixa, embora tendessem a se localizar próximo a ágora (KIRKPATRICK, 2015, p.29).

A acrópole (figura 8) possuíam função de proteção, militar e espiritual. Sua localização do maior ponto de visão do terreno garantia o mirante para defesa, nele era instalado os templos consagrando a cidade aos deuses. Assim como os deuses, a localização dos cemitérios, que por costume sempre residiam fora das muralhas da cidade, também era um componente do levantamento inicial.

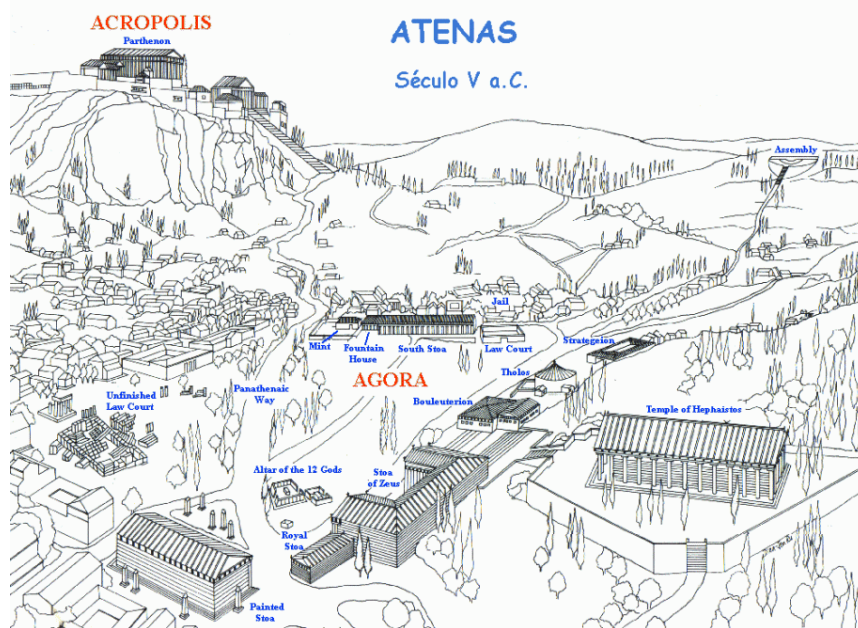


Figura 8: Desenho da polis de Atenas século V a.C. Fonte:www.educ.fc.ul.pt, acesso em 16 out. 2018.

A ágora (figura 9) era o espaço de troca e social da cidade-estado grega. Conformava-se pelos edifícios públicos como o Bouleutérion (sede da Boulé), Strategeion (sede dos militares), Heliéia (tribunal popular), stoas (lojas, comércio, serviços) e alguns templos também (KIRKPRATICK, 2015). As funções da ágora são inicialmente desenvolvidas na acrópole, com o desenvolvimento das atividades comerciais e crescimento da cidade a atividade se espalha para a cidade baixa e muda-se o centro ativo da polis, deixando a acrópole só com a função cerimonial.

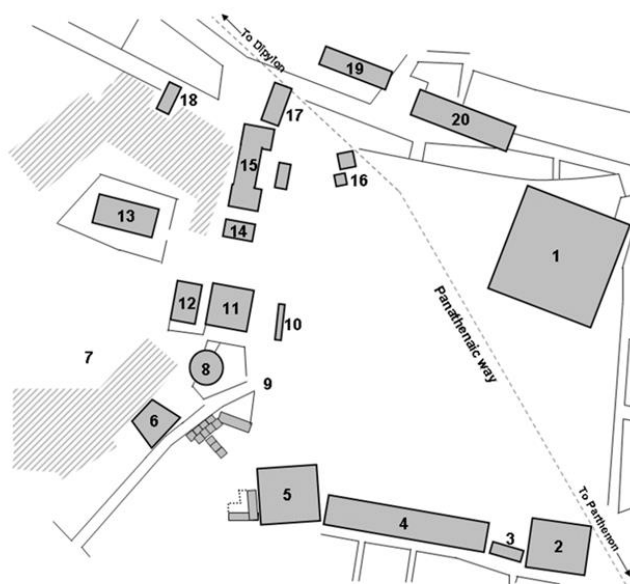


Figura 9- Agora ateniense Fonte:
https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81gora_de_Atenas#/media/File:AgoraAthens5thcentury.png

Atenas era uma polis imperial, marítima e comercial, governada por uma democracia alcançada pela legislação e redefinição dos poderes econômicos. A sociedade ateniense era numerosa possuindo 40 mil habitantes excluindo os escravos. Em seu desenho predominava a forma circular, sendo construída em camadas, com a cidade alta cerimonial e a cidade baixa comercial, social e habitacional, além do campo (khora).

Sua fundação advinha dos espaços destinados aos deuses, em seguida os dos mortos. A acrópole era o centro mais antigo, ativo e geométrico, tinha sua função cerimonial, de defesa, socialização e comercial. Com o desenvolvimento do comércio surge a ágora como espaço de troca e socialização, tornando-se o novo centro ativo.

Atenas representa um modelo de cidade, o qual Platão viveu com mais intensidade, analisando Siracusa, também território fundado pelos gregos, será conhecida outra forma de implantação da polis.

Siracusa, cidade a sudeste do território da Sicília, foi colonizada pelo grego Árcua de Corinto em 733 a. C. Inicia sua ocupação pela ilha de Ortígia e na sua porção continental de Acradiana, em seguida dirige-se a futura necrópole de Fusco. Ortígia é cercada pelas águas do mar Mediterrâneo possuindo dois portos, chamados de pequeno e grande portos e estava entre uma das rotas comerciais mais profícuas do período. Seu território, assim como de Atenas, também é acidentado (figura 10).

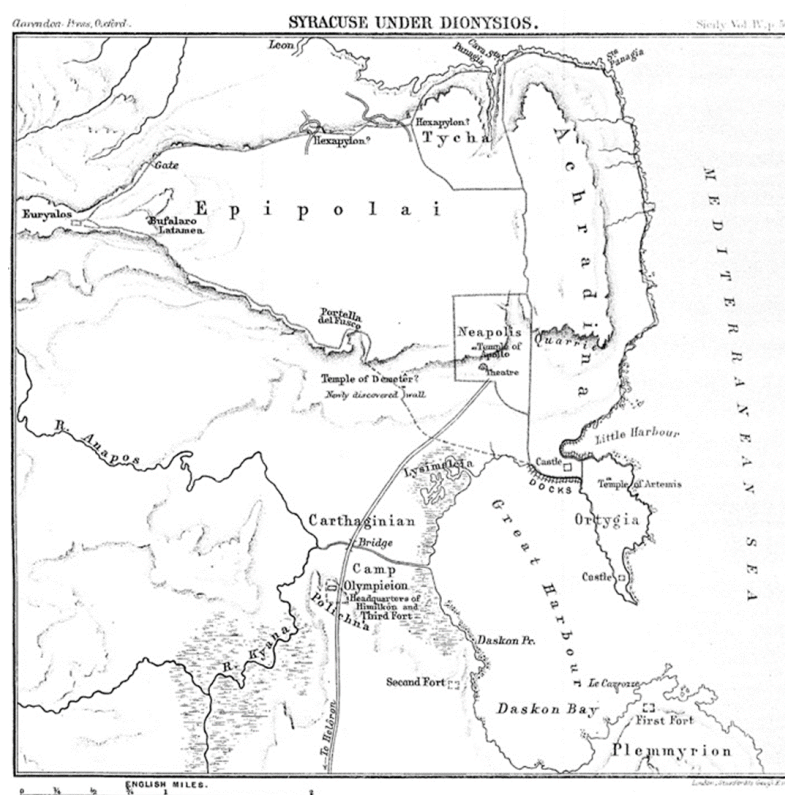


Figura 10 – mapa de Siracusa antes do governo Dionísio. Fonte: <https://jeremydummett.com/wp-content/uploads/2016/04/Syracuse-under-Dionysius.jpg>

Como sistema político, Siracusa tem seu início com uma oligarquia formada por proprietários de terras que exerciam seu poder sobre o *demos* (a sociedade) e os escravos. A partir de 485 a. C., Gelon, tirano de Gela, assume o poder e será o primeiro de sucessivos governos ditatoriais. A organização da sociedade era semelhante a ateniense com cidadãos e não-cidadãos até o início das ditaduras. Siracusa chegou no seu ápice a ter 50 mil habitantes, sem contar os escravos (VANIN, 2017).

A disposição no território foi de ocupação de Ortígia com a acrópole e seus templos de Atena, Artêmis e Apolo sendo o centro político e administrativo (figura 11). Sobre a antiga ágora de Siracusa, ainda não se sabe sua localização, mas a do período clássico era no continente, em área mais plana, ao sul de Acradiana, ligando aos outros distritos. Neápolis tornou-se o centro monumental, com os edifícios do teatro e anfiteatro. O distrito de Epípole tinha a função de segurança, delimitando o território e possuindo a khora dentro das muralhas (figura 12). E as áreas de Tyche e Acradiana como as habitacionais e comerciais.

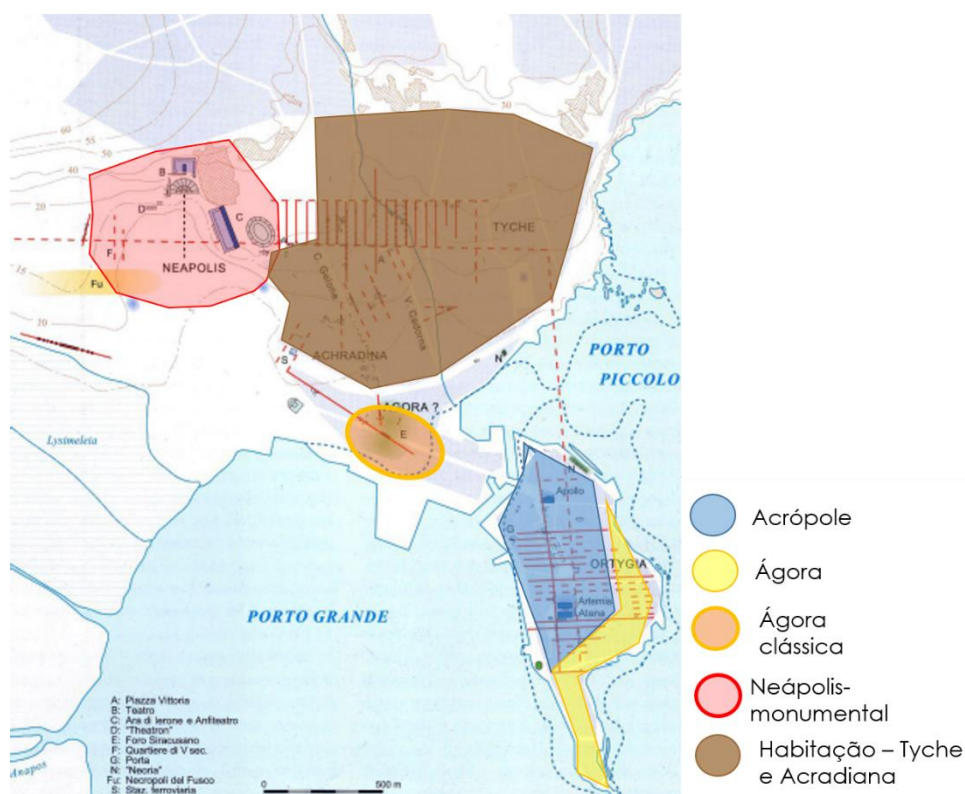


Figura 11: Mapa de Siracusa zoneado Fonte: Vanin, 2017, p.150, editado pela autora.



Figura 12: Mapa de Siracusa, apresentação da organização dos distritos. Fonte: Hora, 2016, p.58.

A partir da topografia de Ortígia que possuía uma crista que se ligava no sentido norte e sul ao continente, os gregos criaram uma malha tendo essa premissa. Perpendicularmente, a malha (figura13) se conectava ao continente por duas vias onde se encontravam os três templos e transversalmente, partindo do Porto Grande em direção ao Porto Pequeno aproximadamente 23 vias foram definidas. As ruas possuíam de 2,5 a 3 metros de largura, separadas entre si por 25 metros (VANIN, 2017).

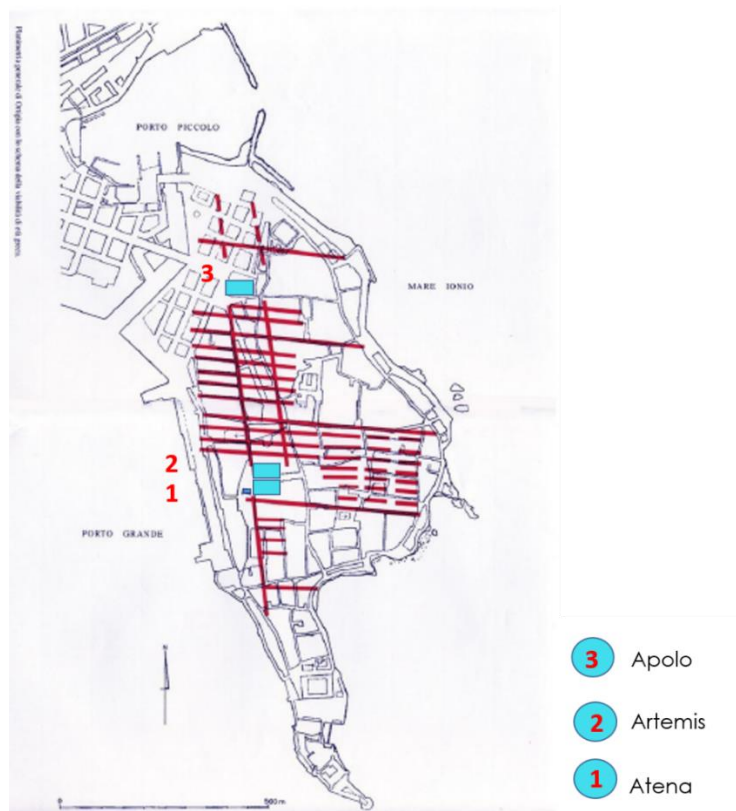


Figura 13: Mapa de Ortígia e suas vias. Fonte: Vanin, 2017, p.148, editado pela autora.

Sem informações sobre a conformação urbana dos outros distritos, a casa siracusiana é outro ponto importante do estudo. A casa (figura 14) era arcaica, monucleada com áreas centrais abertas pavimentadas com terra batida e brita de calcário, as paredes das casas se apoiavam entre si, eram construídas em pedra e possuíam duas portas de acesso com 1m de largura cada (VANIN, 2017).

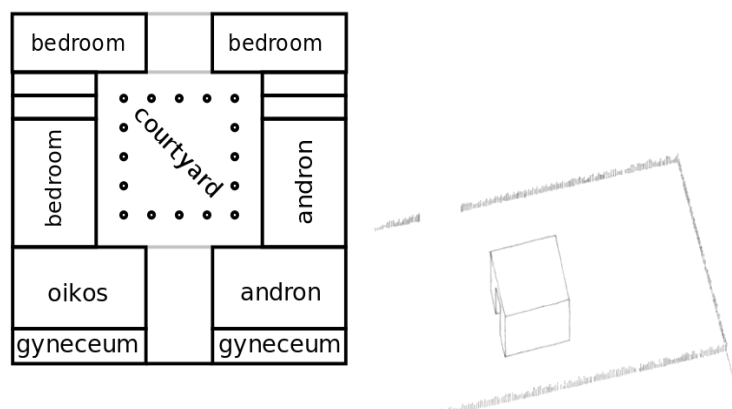


Figura 14: Casa Siracusiana Fonte:1- <http://www.wikiwand.com/en/Oikos#/Layout> Fonte:2- https://www.researchgate.net/figure/Reconstrucao-da-casa-edificada-dentro-do-lote-em-Megara-Hibleia-Fonte-Megara-Hyblea-1_fig7_320617236

A partir dessa exposição constatamos que Siracusa, assim como Atenas foi uma polis marítima e comercial, com território acidentado e bons portos. Era uma cidade populosa com mais de 50 mil habitantes, sem contar os escravos, governados por tiranos, na época em que foi visitada por Platão.

A cidade inicia em Ortígia com uma malha retangular de 2,5 a 3 metros por 25 metros oriunda da topografia e do Porto Grande, possuía 5 distritos que se especializaram. Ortígia com a acrópole sendo o centro político e administrativo, Neápolis o centro monumental, Epípole com a khora e as muralhas e Tyche e Acradiana com as casas e comércio.

Com essas análises percebe-se como o terreno diferencia a ocupação das polis gregas. De acordo com Custódio (2011), apesar disso, as polis gregas partiram de dois desenhos o radial, onde as vias de acesso irradiam da área central e o ortogonal em quadrilamento de assentamento. Percebe-se que o artigo apresenta os dois modelos de implantação sendo Atenas, representante do primeiro modelo e Siracusa do segundo.

Possuindo elas partidos compositivos diferentes de cidade, contribuíram cada uma a seu modo para a formação da utopia de Platão. Para perceber as semelhanças e diferenças entre elas e as cidades ideais, partiremos para a análise das quatro cidades juntas.

KALLIPÓLIS, MAGNÉSIA, ATENAS E SIRACUSA: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS.

Como consequência desse estudo, o trabalho constatou que nas cidades utópicas de Platão há muitas referências das polis gregas, principalmente a cidade de Atenas. De Siracusa, que Platão dizia ser a cidade ideal para sua utopia, a principal contribuição é ter o governo com tirano e as casas como composição.

Como não tem muitos detalhes de Kallipólis o que se pode destacar é que ela já é pensada como uma cidade em estágio avançado de desenvolvimento, pois como vimos com Atenas equipamentos como teatro e ginásio só advém depois de um tempo no cenário urbano, diante da necessidade. Comparando as origens das cidades, ela é a única a não iniciar com a consagração aos deuses e sim as necessidades do homem. Kallipólis, foi uma cidade ideal muito importante para discutir a justiça, a verdade e a política, mas no desenho urbano a cidade utópica que possibilita melhor análise é Magnésia, por isso a análise se dedica mais a ela.

Atenas e Magnésia possuem características físicas e topográficas semelhantes. Quanto ao desenho, as duas tinham formato circular e radial, com a acrópole sendo o centro político e espiritual da cidade, sendo esse um elemento tão importante que pensado primeiro na implantação da polis. É importante pontuar que a polis como centro histórico, cerimonial, político, ativo, morfológico e geométrico em Atenas só ficará até o espraiamento das atividades econômicas e políticas para ágora, depois disso há a mudança do centro ativo.

Assim como Atenas, Magnésia tinha o núcleo urbano cercado pela atividade agrícola divididos em terrenos iguais em rendimento e não em extensão. Ambas possuíam a divisão do território em tribos, 10 em Atenas e 12 em Magnésia, sendo cada uma das famílias detentoras de uma casa urbana e outra rural.

Claro que as duas cidades possuíam diferenças, muitas delas decididas em contraponto da outra. Atenas era uma polis imperial marítima e comercial, Magnésia seria uma polis agrícola e um pouco distante do mar para garantir sua justiça. Atenas era uma democracia, Magnésia uma ditadura, para que todas as ideias do legislador fossem colocadas em prática.

Platão decide a estratégia de todo habitante ter lote urbano e rural devido a história política ateniense em que havia constante conflito entre a aristocracia rural e os comerciantes urbanos. Atenas dependia das cidades vizinhas para a agricultura de subsistência, enquanto Magnésia não teria cidades vizinhas para não se corromper. Atenas tinha 40 mil habitantes, enquanto Magnésia chegaria aos 30 mil habitantes (ambas sem contabilizar os escravos), sendo assim uma cidade um pouco menor.

A relação entre Siracusa e Magnésia possui mais diferenças que semelhanças. Um dos pontos mais importantes da analogia é o governo ditatorial, todas as idas de Platão a Siracusa foram a convite de seus ditadores que queriam ouvir sua teoria. Do ponto de vista do desenho, tem-se a importância dos espaços de culto como elemento estruturador e a composição das

casas. As casas possuíam o muro como elemento estruturador da cidade e sua volumetria parecia com a proposta esquematizada por Platão.

Como distinções tem-se que Siracusa, assim como Atenas, volta-se ao mar e ao comércio, enquanto Magnésia é um polis agrícola. A necessária dependência das cidades vizinhas, enquanto isso era negado a Magnésia. Quanto o tamanho da cidade, Magnésia teria 30 mil habitantes, enquanto Siracusa chegou a 50 mil sem escravos, sendo portanto muito maior que ideal. As duas cidades partiram de matrizes de desenho diferentes, Siracusa da topografia e malha regular, enquanto Magnésia da cidade circular e radial.

Conclui-se que Platão por meio de suas cidades utópicas revive muito de sua experiência e de seu conhecimento da sua cidade natal e de Siracusa. No entanto, é importante destacar as contribuições e inovações ao planejamento urbano trazidos por Magnésia. De acordo com Paszkowski (2011 apud SŁODCZYK, 2016), as limitações dos direitos individuais impostos por Platão como fundamental para conseguir a execução de sua ideia, na figura do próprio tirano, é muitas vezes um confronto enfrentado por urbanistas nas cidades contemporâneas entre os direitos do indivíduo e o benefício de uma comunidade na realização de projetos.

É interessante apreender como o autor considera fundamental o sítio e a seleção dos moradores como fundamental para garantir a paz e a justiça, chegando a dizer que há lugares mais propícios que outros para criar uma comunidade. Destaca-se também sua fixação pela Matemática e números como requisito do equilíbrio e harmonia. Também foi interessante a estratégia de evitar conflitos com a doação de lotes urbano e rural para cada família. Por fim, o uso da forma circular para proporcionar a mesma distância percorrida por todos moradores e a homogeneização dos espaços.

Os projetos de cidades utópicas tendem a ser super inovadores do ponto de vista social, político e econômico, mas ficam aquém na criatividade de novos espaços de viver. Nas cidades platônicas o desenho da polis reproduz o usual na época, contudo demonstra uma rigidez e uma homogeneidade de espaços inexistentes nas cidades reais. A grande surpresa de Magnésia não foi no espaço da polis, mas sim no campo, com um tratamento diferenciado e detalhado do seu funcionamento o que se relaciona muito bem com o que se propõe, uma cidade agrícola.

REFERÊNCIAS

- BRISSON, Luc e PRADEAU, Jean-François. *As Leis de Platão*. São Paulo: Edição Loyola, 2012.
- CAHILL, Nicholas. *Household and City Organization at Olynthus*. New Haven & London: Yale University Press, 2001, cap. 1. Disponível em: <http://jmuccigr.github.io/courses/240/readings/Cahill%20Greek%20City%20Planning%20Ch%201%20of%20Household%202001.pdf>, acesso em 05 out. 2018.
- CUSTÓDIO, Christiane. A khora nas pólis gregas do Ocidente. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 12: 15-22, 2011.

HORA, Juliana. Siracusa: cidade monumental. *Praesentia* 17 (2016), p. 49-62.

KIRKPATRICK, Aidan. *The Image of the City in Antiquity: Tracing the Origins of Urban Planning, Hippodamian Theory, and the Orthogonal Grid in Classical Greece*. Vitória: Dissertação de mestrado em Estudos Gregos e Romanos da University of Victoria, 2015.

MAIRE, Gaston. *Platão*. Lisboa: Edições 70, 1986. 117 p.

PLATÃO. *A República*. Disponível em: www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao_A_Republica.pdf, acesso em 01 out. 2018.

PLATÃO. *As Leis*. Disponível em: <https://farofafilosofica.com/2017/03/20/platao-bibliografia-em-pdf-15-livros-para-download/>, acesso em 03 out. 2018.

VANIN, Marcos Atílio. *Corinto e Siracusa: organização do espaço polis e emergência da polis no mundo grego*. São Paulo: Dissertação de mestrado em Arqueologia da USP, 2017.

SŁODCZYK, Janusz. *In search of an ideal city: the influence of utopian ideas on urban planning*. *STUDIA MIEJSKIE*, 2016. Disponível em: http://www.studiamiejskie.uni.opole.pl/wp-content/uploads/2017/03/S_Miejskie_24_2016-Slodczyk.pdf, acesso em 01 out. 2018.